

EDITORIAL

É com grande entusiasmo que testemunhamos o processo de concepção e feitura deste dossiê, que se forma a partir de diversas vozes e corpos negros, lutando incansavelmente para afirmar a importância de nossas corporeidades. Nessa jornada, elevamos nossas vozes, em coro, clamando pelas muitas liberdades pelas quais ainda lutamos.

Os diferentes artigos presentes nesta edição são uma tentativa de repensar as lógicas dominantes e reencantar o mundo, também, com histórias de liberdade, amor e luta. Nosso esforço coletivo é artesanal, uma prática que nos permite vivenciar e recontar histórias de forma digna e humanizada. Como bem colocado por Conceição Evaristo, "recontar é um trabalho perene, infindo. É preciso voltar sempre no afã de buscar os pedaços da história que ficaram perdidos" (EVARISTO, 2022, p. 07).

A partir das reflexões de Evaristo (2022), exploramos os fragmentos de diversas narrativas que permaneceram ocultas e não foram contadas. Assim, o presente dossiê, intitulado "EPISTEMOLOGIAS DA PEDAGOGIA ANTIRRACISTA: alternativas ao pensamento hegemônico estrutural", busca se tornar um referencial para o presente, com base na ancestralidade e nas perspectivas de futuro (KRENAK, 2022).

A pedagogia dominante, em sua busca pela universalização, tem promovido exclusões, silenciamentos e apagamentos. O racismo, em suas múltiplas manifestações, permeia essa epistemologia hegemônica, normalizando práticas excludentes. Como resultado, inúmeras experiências que representam alternativas a esse modelo são suprimidas ou rotuladas como "saberes inferiores", associadas a praticantes também vistos como "inferiores", em termos de valor social.

Apesar da pretensa universalização, a pedagogia dominante possui um regime epistemológico diverso, repleto de contradições. Essas contradições fortalecem as lutas dos grupos marginalizados por

meio de suas pedagogias alternativas, enfrentando a supressão de suas epistemologias.

Ao criticar essas contradições, surgem pedagogias alternativas, antirracistas e decoloniais, em oposição ao modelo hegemônico. No entanto, essas críticas também nos alertam sobre a dificuldade de resistir ao contexto estrutural estabelecido. A esperança, portanto, se inscreve como um movimento de (re)existência.

Apresentamos uma série de epistemologias da pedagogia antirracista, baseada na premissa de que toda prática diária é ao mesmo tempo produtora e reprodutora de conhecimento, repleta de histórias encantadoras. Essas histórias foram apagadas, devido ao embranquecimento epistemológico. Os textos aqui presentes são frutos das vivências daqueles que lutam por uma sociedade menos racista, transbordando em todos os aspectos da vida.

Assim, reunimos um repertório amplo de artigos que abordam diferentes pesquisas sobre as pedagogias comprometidas com o antirracismo como princípio. Como observou Davis (2017), em uma sociedade racista, não basta não ser racista, é preciso ser antirracista constantemente. Com isso em mente, vislumbramos uma educação alternativa, reunindo a produção de autores e autoras cujas práticas sociais promovem epistemologias mais igualitárias, solidárias e justas.

Reafirmamos que não há conhecimento sem experiências e sem sujeitos dessas experiências. Portanto, a criação de conhecimento depende das relações sociais, que são tão diversas quanto as epistemologias que produzem. Por esse motivo, os textos que compõem este dossiê utilizam diferentes estratégias para contar e multiplicar histórias.

Este dossiê abrange uma gama diversificada de influências, desde Èsù até Òsàlá, dialogando com referências teóricas como Angela Davis, bell hooks, Chimamanda Ngozi Adichie, Djamila Ribeiro, Nilma Lino Gomes, Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento, Sueli Carneiro, Frantz Fanon, Kabelenge Munanga, Renato Noguera, entre muitos outros. Nesse sentido, concebemos este dossiê como um grande *xiré*, uma roda em que presenças, ventos, sabores, práticas e

teorias dançam para encantar o mundo de maneiras diversas.
Convidamos você a se juntar a nós, vamos girar!

Patrícia Raquel Baroni (UFRJ)

Professora adjunta da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) com atuação no Programa de Pós-Graduação em Educação e na Faculdade de Educação. Doutora em Educação. Coordenadora do grupo de pesquisa e extensão Ecologias do Narrar.

Allan de Carvalho Rodrigues (UNESA/RJ)

Professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Doutor em Educação. Coordenador do Grupo de Pesquisa Conversações Curriculares e Coletivos Docentes.

Rafael F. de Souza Honorato (UEPB)

Professor da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Campus VI. Doutor em Educação. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Currículo e Experiências Escolares (GEPCEE).

Luís Paulo Cruz Borges (CAp-UERJ)

Professor Adjunto do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (CAp-UERJ). Doutor em Educação. Procientista pelo Programa de Incentivo à Produção Científica, Técnica e Artística (PROCIÊNCIA/UERJ-FAPERJ).

Referências

- DAVIS, A. **Mulheres, cultura e política**. São Paulo: Boitempo, 2017.
- EVARISTO, C. **Canção pra Ninar Menino Grande**. 2ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2022.
- KRENAK, A. **Futuro Ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.